

# Chuvas reduzem número de peixes em pequenos igarapés

Resultados foram publicados por cientista vinculado ao Programa de Pesquisa em Biodiversidade do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

JOSÉ TAVARES/PPBio-INPA



Igarapés estudados por pesquisador estão situados na Reserva Ducke, na Zona Norte de Manaus

**RENAN ALBUQUERQUE**  
Equipe do EM TEMPO  
renanalbuquerque@emtempo.com.br

É lugar-comum imaginar que no período chuvoso são poucas as chances de se realizar uma boa pescaria nos rios da Amazônia, principalmente porque os peixes estão espalhados nas florestas de várzea ou no igapó. Já nos igarapés de pequeno porte, incrustados no meio da floresta, não se espera que isto aconteça, afinal, para onde iriam os peixes durante as chuvas? Estudos no âmbito do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) trazem nova luz a esta pergunta e mostram que os pequenos igarapés não são tão diferentes dos grandes rios.

Levantamento de Helder Espírito Santo, bolsista vinculada ao Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) do

Instituto, mostrou que a quantidade de peixes no canal principal de igarapés amazônicos é muito menor no período chuvoso que no seco, chegando a ser três vezes mais reduzida para algumas espécies.

O cientista descobriu que a causa dessa redução se deve à migração, durante a cheia, de algumas espécies de peixes para poças temporárias marginais aos igarapés. Segundo avaliação do pesquisador, os resultados mostram que essa queda nos estoques de peixes dos leitos gera variações anuais na constituição da fauna de peixes dos próprios igarapés.

“Não se deve comparar estudos em igarapés realizados em diferentes estações do ano sem considerar que existem diferenças na constituição da fauna entre períodos secos e chuvosos. Sem este cuidado, recomendações equivocadas podem ser tomadas quanto

a estratégias de conservação dos peixes em igarapés”, alertou Helder.

Para a realização do estudo, foram coletados peixes em 31 pequenos igarapés da Reserva Ducke, Zona Norte de Manaus, no km 26 da rodovia AM-010 (Manaus-Itacoatiara). O estudo foi realizado entre setembro de 2005 e agosto de 2006, dividido em três diferentes momentos: no final da seca de 2005, no período chuvoso de 2006 e no início da seca de 2006.

“Os resultados sugerem que ambientes temporários, como as poças, exercem papel fundamental na manutenção do funcionamento das comunidades de peixes nos pequenos igarapés. Estes ambientes, por serem muito restritos, são muito susceptíveis a mudanças ambientais, como por exemplo maior exposição ao sol ou aumento de temperatura. Considero este fato

de suma importância frente às alterações causadas pelo desmatamento ou, em mais longo prazo, às previsões de aquecimento global”, complementou Helder.

Além de desmistificar a ideia de que a abundância de peixes em pequenos igarapés amazônicos continua a mesma durante todo o ano, o estudo indicou ainda que as poças temporárias formadas durante a cheia tendem a exercer função essencial em face à biodiversidade, o de auxiliar na manutenção da pluralidade de espécies. “Para algumas espécies de peixes, as poças funcionam como verdadeiros berçários. No caso da pequena piaba pirrulina (*Pyrrhulina brevis*), dificilmente encontramos filhotes no canal do igarapé, enquanto nas poças, especialmente no final do período de chuvas, estes pequenos peixes praticamente dominam o ambiente”, elucidou



Os resultados sugerem que ambientes temporários parecem exercer papel fundamental na manutenção de comunidades de peixes

Helder Espírito Santo, bolsista PCI/Inpa

o pesquisador.

## Idéia central

O estudo se valeu da seguinte lógica para ser efetivado: à medida que avança o período chuvoso, a água que transborda dos igarapés alcança a área do baixio. Pequenas depressões no terreno permitem que haja acúmulo, formando poças. Elas vão sendo colonizadas por peixes ao longo do tempo, de forma que poças que permanecem mais tempo com água possuem uma maior diversidade de organismos.

Assim, o pesquisador mensurou a variabilidade de peixes existente no leito principal dos pequenos igarapés e nessas poças, observando que a quantidade de peixes reduz de forma significativa no leito durante a estação chuvosa. Isto porque parte desses peixes se muda temporariamente para as poças.

## Serviço

Detalhes sobre o levantamento na revista *Freshwater Biology* ([www3.interscience.wiley.com/journal/](http://www3.interscience.wiley.com/journal/)).

## Fomento e infra-estrutura na Região Norte

Quando veio para a Amazônia, há quatro anos, Helder Espírito Santo não imaginava encontrar infra-estrutura para desenvolvimento de pesquisas, segundo ele mesmo relatou ao EM TEMPO.

“O que tenho presenciado é um constante crescimento da infra-estrutura de campo, especialmente com a expansão do PPBio”, apontou o bolsista do PCI, referindo-se ao programa do Inpa que tem instala-

do sistemas de trilhas e parcelas permanentes para pesquisas em vários lugares da Amazônia, como na Estação Ecológica de Maracá e Parque Nacional do Viruá, ambas em Roraima; e a Reserva Biológica do Uatumã, próxima à represa de Balbina, em Presidente Figueiredo (a 112 km de Manaus).

Além disso, módulos de pesquisa vêm sendo instalados ao longo da BR-319 (Manaus - Porto Velho), ten-

do em vista realizar estudos na região.

“Além da infra-estrutura de campo, percebemos que instituições como o Inpa, sobre a qual tenho mais conhecimento de causa, possuem uma boa infra-estrutura de apoio em Manaus, com laboratórios, salas de informática, salas de aula e uma boa logística de transporte para os pesquisadores”, complementou o bolsista.

Apesar do fomento estrutural, Helder entende que

a quantidade de mestres e doutores na região ainda é precária ante a magnitude da Amazônia e os desafios de pesquisa. “O que acredito ser limitante é a falta de fixação de profissionais na região. A demanda por pesquisadores é alta. Muitos são formados aqui, através dos cursos de pós-graduação da região, mas poucos têm encontrado emprego para se fixar e dedicar seus esforços em prol da Amazônia”, finalizou ele.

## Sobre o pesquisador

Atualmente, Helder Espírito Santo é bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), vinculado ao Inpa, e desenvolve o estudo “Assembléia de peixes em igarapés e poças temporárias em três Unidades de Conservação da Amazônia Brasileira”.

Mestre em biologia tropical e recursos naturais, com ênfase em ecologia, Helder pesquisa a dinâmica

das comunidades de peixes dos pequenos igarapés.

De forma específica, os levantamentos realizados pelo pesquisador visam avaliar o que acontece nas poças marginais ao longo do tempo, tentando entender a sua importância para a manutenção da estrutura das populações de algumas espécies de peixes que vivem nos igarapés e utilizam as poças em determinados períodos do ano.